

**Veja**

**14/5/1986**

### **Aumentam as greves na casa do governo**

Ao contrário do que aconteceu no ano passado, quando a temporada de greves foi forte nas empresas privadas, o principal prejudicado com a retomada de fôlego do movimento sindical neste momento é o próprio governo. Paralisações de funcionários públicos contra reajustes salariais nos termos determinados pelo plano de reformulação da economia se espalharam pelo país inteiro. Na terça e quarta-feira da semana passada, 35 000 professores e 70 000 funcionários não assinaram o ponto nas dezenove universidades e outras sete faculdades isoladas do governo federal para exigir equiparação salarial com os colegas de outras instituições. Os 2 500 médicos e 15 000 professores empregados pelo governo do Distrito Federal começaram sua greve na segunda-feira, exigindo melhores salários e reequipamento de seus locais de trabalho.

No mesmo embalo, na semana passada, 21 000 servidores municipais faziam greve no Recife e outros 10 000, em Fortaleza, cidade governada pela prefeita Maria Luiza Fontenelle, do Partido dos Trabalhadores, que alega ter a caixa vazia. "Não queremos saber se a prefeitura tem ou não recursos", afirma o servidor José Guerra, um dos líderes do movimento na capital do Ceará. "A prefeita que consiga o dinheiro e cumpra seu dever." Na sexta-feira, os garis da cidade agitavam-se na preparação de sua sétima paralisação deste ano e a maré de greves ameaçava atingir o governo estadual, com 3 000 servidores da Companhia de Água e Esgotos prometendo interromper o fornecimento de água à capital para conseguir aumentos. Em Santa Catarina, os 4 100 funcionários do Departamento de Saúde Pública mantêm apenas o controle de epidemias nos 495 postos de Florianópolis e do interior, desde a última segunda-feira, exigindo um plano de classificação de cargos e salários e equiparação com seus colegas da Fundação Hospitalar do Estado. Na Companhia Docas do Rio de Janeiro, os empregados já programaram a interrupção do trabalho para a terça-feira, para reivindicar o 14º salário de uma empresa que se diz atolada numa dívida de 1 bilhão de cruzados.

**SITUAÇÃO DRAMÁTICA** — Na área da iniciativa privada, o clima é outro. Os metalúrgicos surpreenderam ao iniciar o mês de maio com calma no ABC paulista e demonstrações de força nos dois extremos do país. Em Canoas, no Rio Grande do Sul, 12 000 operários das 200 indústrias da região desligaram as máquinas na terça-feira e pediram alto para voltar ao trabalho: 15% de produtividade, 200% de aumento no piso salarial e redução da jornada de trabalho. No dia seguinte, 55 000 metalúrgicos da região metropolitana de Porto Alegre também entraram em greve. Até a sexta-feira, os empresários não aceitavam sequer as propostas conciliadoras da Delegacia do Trabalho, mesmo pressionados por uma avalanche de pedidos que garante suas vendas quase até o final do ano. Na Massey Perkins, que transferiu sua linha de tratores de São Paulo para o Rio Grande do Sul para evitar conflitos trabalhistas, cerca de 500 unidades deixaram de ser produzidas desde o começo do movimento. "Se a greve continuar, nossa situação passa a ser dramática", admite Darcy José Amorim, porta-voz da direção da empresa.

Em Fortaleza, os metalúrgicos detonaram uma greve de avanço progressivo que já mobiliza mais de metade dos 15 000 trabalhadores da categoria. Começaram a paralisação pela empresa Tecnorte, que tem 3 000 operários, e vêm parando uma indústria por dia, num ritmo que prometem manter enquanto os empresários não voltarem a cumprir as cláusulas acertadas no acordo de novembro. Apesar de terem se atirado à greve com esse mesmo ímpeto, os 8 000 metalúrgicos dos estaleiros de Niterói, no Rio de Janeiro, sofreram um duro golpe na última sexta-feira. Depois de dez dias de paralisação, a Justiça do Trabalho julgou o dissídio coletivo da categoria e acolheu na íntegra a proposta dos empresários, que ofereciam 2% de

produtividade e nada de reposição salarial. Desanimados, os operários encerraram o movimento. Na fábrica que constrói os CIEPs do Rio, no entanto, 2 000 operários conquistaram aumento, na última quarta-feira, com incrível rapidez — a greve durou apenas sete horas.

### **A temporada de greves do pacote**

As greves de abril e início de maio deste ano, comparadas com as paralisações ocorridas em anos anteriores, no mesmo período. No gráfico abaixo está a participação do setor público

Nº de grevistas (em mil) — ano

422 — 86 — Setor privado (32%) — Setor público (68%)

567 — 85 — Setor privado (88%) — Setor público (12%)

262 — 84 — Setor privado (8%) — Setor público (92%)

92 — 83 — Setor privado (87%) — Setor público (13%)

**(Páginas 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 27)**